

## **TUDO É CANTADO”: A RITUALÍSTICA DO CANTO E DANÇA NAS NOVENAS DE TERNO EM AROEIRAS/PB**

**Maria Auberlane do Nascimento Lima<sup>1</sup>**

**Patrícia Cristina de Aragão<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

As Novenas de Terno são manifestações religiosas centenárias que ocorrem em alguns municípios do Agreste paraibano, especialmente nas comunidades rurais que vivenciam a prática do chamado “catolicismo popular”. Esta proposta de artigo faz parte da pesquisa de mestrado em andamento vinculada ao Programa de Pós-graduação em Formação de Professores PPGFP/UEPB, intitulada: *Das caieiras ao santo em tessituras de práticas educativas nas novenas do terno: Memória e História em Aroeiras/PB*. Nestes escritos buscamos analisar a ritualística e musicalidade presentes nas Novenas de Terno. Com o objetivo de discutir as manifestações afro-brasileiras através dos cantos e das danças performadas nas Novenas de Terno que forjam as identidades e culturas das comunidades rurais em Aroeiras/PB. Para estabelecer tal análise dialogamos com Halbwachs (2006) e Hall (2006), para discutir as ideias de memória e identidade e Zaluar (1983) para analisar as manifestações religiosas afro-brasileiras nas comunidades rurais. Com Fully (2022), Fleuri (2014) e Candau (2000; 2022) discutimos sobre as práticas educacionais decoloniais. Como proposta metodológica estabelecemos relações com a História Oral com Meiy (2007). Por fim, compreendemos que as Novenas de Terno possibilitam o fortalecimento das construções identitárias e culturais dos seus participantes. Esta pesquisa apresenta resultados parciais obtidos por meio de entrevistas com lideranças locais representantes dos saberes históricos a serem visualizados.

**Palavras-chave:** Cultura, Identidade, Novenas de Terno.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento vinculada ao Programa de Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba - PPGF/UEPB. Seu objetivo é analisar o significado histórico, afetivo e educativo das Novenas de Terno, conduzidas por mulheres rezadeiras nas comunidades rurais do município de Aroeiras.

Proponho uma abordagem metodológica que dialogue com a História Oral, enfatizando a pertinência da técnica de entrevista no registro de narrativas e documentação de fontes históricas. Reconhecendo que a oralidade agrupa saberes oriundos da observação e do registro

---

<sup>1</sup> Mestranda Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores PPGFP/UEPB. Pesquisadora do grupo de pesquisa História, Ensino e Cultura-CNPQ. E-mail mariaauberlaneuepb@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora, Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba e professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores PPGFP/UEPB. E-mail patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br

do cotidiano popular, defendo que essa metodologia é particularmente adequada para esclarecer comportamentos coletivos, especialmente no contexto do ensino de História. Conforme conceitua Meihy (2007, p.17) “a história oral é um recurso usado para elaborar registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos”.

As narrativas das mulheres rezadeiras das Novenas de Terno, promovidas nas comunidades rurais de Aroeiras–PB, são recursos de difusão intergeracional dos saberes e ritos. A chuva no Agreste é comemorada nas tradicionais “Novenas de Terno”, que acontecem em várias comunidades rurais da região. O "Terno" e o “Coco de Roda” são elementos da ritualística da novena que acontecem nos terreiros das comunidades rurais. As novenas são ofertadas aos santos com cantos entoados pelas rezadeiras, que exercem uma função significativa para a existência e continuidade das ritualísticas.

No sertão há uma forma particularmente significativa de procissão, realizada por ocasião da seca. É a penitência, na qual os devotos saem das suas casas portando imagens de santos, rezando benditos, pedindo que São José faça chover. Meu divino São José/ aqui estou em vossos pés/pedindo água com abundância. [...] Meu divino São José/ não mate seus filhos não/ nem de fome, nem de sede/ pela cruz que traz nas mãos.//[...] Oferece este bendito/ a meu divino São José/que nos dê chuva na terra/pela vossa santa fé (Pompa, 2004, p. 78).

As rezadeiras, acompanhadas do terno, percorrem os terreiros de três casas nas comunidades, executando cantos, rezas e danças que, por meio de gestos, musicalidades e vocalização, ritualizam crenças e tradições ancestrais. Objetivo uma reflexão sobre a História Oral como método para registrar os saberes ágrafos, buscando estabelecer uma conexão entre o texto escrito e as narrativas transmitidas pelas rezadeiras das Novenas de Terno em Aroeiras–PB. As raízes dessa ritualística estão nas influências culturais afro-brasileiras, manifestadas nas danças de roda, crenças e cosmovisões, com a expressiva participação das lideranças femininas em todas as etapas da produção.

Os rituais das Novenas de Terno são influenciados pelas danças de roda presentes nas religiões de matriz africana e indígena, como o Toré . Essas novenas, majoritariamente conduzidas por mulheres, incorporam danças ao som do Terno, elementos que não são oficialmente reconhecidos pelos representantes da Igreja Católica. Como argumenta Zaluar (1983, p.16), “Uma das explicações seria que a Igreja Católica caracteriza a prática popular como profana e, assim, proibi-la teria finalmente desagregado esses padrões tradicionais a fim de substituir as atividades ‘profanas’ pelas ‘sagradas’, isto é, aprovadas pela liturgia católica”. No entanto, embora vistas com ceticismo pela hierarquia eclesiástica, as Novenas de Terno são

reconhecidas como uma estratégia para a manutenção do domínio católico, funcionando como um meio eficaz de evitar a conversão de fiéis para outras denominações religiosas.

### **HISTÓRIA ORAL: NARRATIVAS ANCESTRAIS DAS NOVENAS DE TERNO EM AROEIRAS–PB**

A História Oral tem o potencial de registrar experiências e ampliar as vozes marginalizadas pela narrativa histórica dominante. Essa narrativa, enraizada em um passado colonial que persiste mesmo após a independência do Brasil, continua a influenciar uma educação marcada por visões e práticas elitistas. O colonialismo assume formas mutáveis de dominação, reforçando o poder de grupos considerados "superiores" sobre os "inferiores", muitas vezes associados a questões raciais. Como observa Santos (2022, p. 12), "a ferida colonial, longe de estar curada, continua a afetar profundamente o cotidiano de muitos indivíduos".

Ela, por conseguinte, desvela saberes silenciados, conforme observado por Freitas (2017, p. 47), "além de possibilitar o conhecimento das diferentes 'versões', os depoimentos podem revelar continuidades e descontinuidades". Nesse sentido, a história oral pode ser concretizada por meio de entrevistas, constituindo-se em um dos procedimentos fundamentais, pois, ao utilizar a memória, certas experiências resistem ao tempo. Essa constatação também foi destacada por Meihy (2007), que considera a história oral como um elemento significativo na narrativa do tempo, sendo um meio apropriado para manter a experiência em estado de "presentificação".

Nas comunidades rurais do Batista, Juá e Pereiro, no município de Aroeiras, os moradores testemunham os festejos e a musicalidade dos tocadores de pífanos, enquanto as mulheres cantam benditos e orações dedicadas aos santos de devoção e dançam em torno da bandeira. Como argumenta Hall (2006, p.85), "o fortalecimento das identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas". Ao longo de suas vidas, as identidades e memórias dos moradores são moldadas pelas experiências de troca de saberes entre as gerações nos terreiros das comunidades rurais. Essas trocas, sustentadas pelo canto e dança performados nas Novenas de Terno, atuam como uma força de resistência das culturas consideradas subalternas.

A memória coletiva e individual são complementares à medida que nossas lembranças resguardam memórias minhas, mas também de outras pessoas. Halbwachs (2006, p.30) argumenta que "nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda

que se trate de eventos em que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. Nessa perspectiva, os saberes ancestrais performados nas Novenas de Terno, materializam o sagrado edificados na memória coletiva

Nesse contexto, a memória e a oralidade são fundamentais para a construção deste artigo, pois são pilares indispensáveis para a formação das identidades das comunidades rurais do município de Aroeiras–PB. As memórias estão vivas, configuradas nas narrativas das rezadeiras das comunidades carregam a responsabilidade e fazer como que suas culturas e saberes não sucumbam a ideia de progresso e colonialidade conforme exposto por Santos (2022) ao descrever que o colonialismo moderno é um componente integral da modernidade eurocêntrica. Modernidade esta que historicamente dominou e reprimiu as outras formas de pensamentos, sociabilidades, culturas e identidade que não fossem aquelas produzidas pelo chamado “Norte Global”.

O autor propõe outra escrita, invertendo a lógica globalizante, colonialista e eurocêntrica. Ele propõe pensar a partir de um “Sul Global”, com uma epistemologia exercida pelas periferias.

O Sul é, neste caso, um conceito epistêmico não geográfico, uma metáfora dos conhecimentos nascidos na luta. A diversidade das lutas é uma fonte de abundantes saberes, de conhecimentos produzidos pelas classes e grupos sociais em sua resistência contra as injustiças estruturais e as múltiplas opressões causadas pela dominação moderna (Santos, 2022, p. 52).

Sob esta ótica, a escrita da história e das memórias desses sujeitos subalternizados simboliza também o reconhecimento histórico de seus saberes, identidades e culturas, que foram negados por uma política discriminatória. As Novenas de Terno, como ritual, contribuem para a formação das identidades de algumas comunidades rurais, enquadrando-se nas práticas decoloniais.

## **AS DANÇAS E CANTOS DAS PERIFERIAS DO MUNDO**

O desenvolvimento de uma pedagogia decolonial na educação brasileira, que rompa com o padrão eurocêntrico e traga visibilidade às novas epistemes são para Fuly(2022) uma alternativa epistêmica ao poder do capital. Esse modo de pensar e agir ajuda na crítica a matriz de poder colonial, que constrói padrões de poder baseados em hierarquias sustentadas pela dominação política e econômica, justificadas através do conceito de raça, e acompanhadas por uma dominação epistêmica, filosófica, científica e linguística ocidental.

Como argumenta Fleuri (2014, p.92), “os aspectos da colonialidade que dizem respeito à dominação política e econômica de um povo sobre o outro atravessam praticamente todos os aspectos da vida”. Diante dessa trama, que silencia o conhecimento praticado nas comunidades rurais, estas resistem ao projeto de dominação hegemônica, preservando coletivamente suas crenças. Agem pedagogicamente ao ensinar as novas gerações, que acompanham as procissões, rezam as novenas e dançam nos terreiros, vivenciando suas tradições.

As mulheres rezadeiras, mestras e dançarinas do coco são as grandes narradoras do enredo que busca repensar a educação em uma perspectiva decolonial. A partir de ações que reescrevam a história daqueles que foram silenciados e perseguidos, a proposta de Fuly (2022) destaca a importância de uma educação que atenda às necessidades de todos, e não apenas de um grupo social. Segundo Candau (2000; 2022), trabalhar com ritos, símbolos e imagens que integrem os aspectos culturais e históricos dos indivíduos no cotidiano escolar contribui para o fortalecimento da autoestima de diferentes sujeitos. Isso promove relações democráticas, ajudando a superar o autoritarismo e o machismo presentes nas culturas latino-americanas.

Essa concepção colonizadora atravessa as categorias de classe, gênero e raça. Que de acordo com Akotirene (2019, p.19). “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado’ - produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. Nesse sentido, a colonialidade está intrinsecamente ligada ao aparato da matriz colonial que impõe seus dispositivos de dominação sobre os subalternos em maior proporção sobre as mulheres negras.

As relações de gênero se fazem presentes quando estas agentes históricas se colocam como protagonistas de uma narrativa possível, quando são elas “mulheres” que angariam a liderança em suas comunidades e promovem uma efervescência, cultural, política e educacional, quebrando as barreiras impostas pela sociedade machista e patriarcal.

Fuly (2022) defende que a educação pode ser um ato de resistência ao colonizador quando não mais reforça seu lugar de poder e quando não estabelece a história dominante como a única a ser narrada. Sob a ótica desse prisma, busco trazer a este debate a atuação das mulheres em uma perspectiva pedagógica decolonial e intercultural, pois vejo que os ensinamentos das lideranças não podem ser reduzidos a uma educação formalizada e reprodutivista de valores do colonizador.

Nas Novenas de Terno as mulheres têm atribuições fundamentais para existência e continuidade. São elas as puxadoras<sup>3</sup> das rezas e as responsáveis por formar as novas gerações de rezadeiras. Para Santos (2022) ao performar como o “outro” da História, as mulheres, pobres e moradoras das comunidades rurais, ou seja, os silenciados da História, tiveram suas memórias e culturas estigmatizadas por uma escrita eurocêntrica.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida(historicamente) e não biologicamente (Hall, 2006, p.12).

O sujeito não é definido em sua identidade por aspectos imutáveis, dentro de nós, duelam diversas “narrativas do eu”, e, cada uma delas, se identificam mesmo que não de forma prolongada com a construção da subjetividade. Portanto, a noção de identidades para o pós-moderno carrega como marca as multiplicidades nas formas de exercê-las.

A memória, história e culturas dos povos das comunidades rurais estão sob ameaça, já que a escrita eurocêntrica não os reconhece como lugares de conhecimento. Diante dos rastros desse passado colonizador e violento, as memórias desses povos não reconhecidos resistem e se adaptam, buscando uma nova forma de existir em face das circunstâncias impostas pela violação de sua história e memória. Sob a ótica do colonizador, que os considera inferiores baseado em sua ideia de civilidade, essas culturas são constantemente subestimadas.

Para lidar com os desafios impostos pelo silenciamento dessa narrativa imperativa e eurocêntrica, proponho a História Oral como uma possibilidade de compreender a trajetória de vida das mulheres rezadeiras das Novenas de Terno. Pois elas guardam em suas memórias, vivências e experiências sobre suas comunidades, promovendo uma abordagem tanto coletiva quanto individual das práticas religiosas e culturais presentes nessas localidades.

Segundo Pesavento (2006, p.52) “esta medida, as reminiscências do eu, são trabalhadas com o auxílio das dos outros, tal como a escrita da História, como escrita no tempo, dá-se em palimpsesto com outras escritas precedentes”. Nesse sentido, as rezadeiras em diversos momentos assumem o lugar de protetoras e defensoras dessa memória que transita entre a individual e a memória coletiva.

---

<sup>3</sup> A puxadora da Novena de Terno é a rezadeira responsável por dar início a ritualística e sendo também de sua responsabilidade encerra o festejo com a retirada das bandeiras que acontece no raiar do dia.

Refletindo sobre a memória ancestral, estabeleço um diálogo com Krenak (2022, p. 6) ao afirmar: “minhas memórias não estão correndo atrás de uma do tempo nem de algo que está em algum outro canto, mas do que vai acontecer exatamente aqui, neste lugar ancestral que é seu território dentro dos rios”. Paralelamente a essa perspectiva, percebo que os terreiros nas comunidades rurais constituem efetivos territórios de suas memórias ancestrais. Por sua vez, os indivíduos que neles nasceram e viveram, forjando suas conexões com a vida, suas crenças, afetos e, por vezes, seus desafios.

Esquecemos tudo o que ele evoca e inutilmente se esforça por nos fazer lembrar. Em compensação, lembraremos o que sentíamos então, sem que os outros soubessem, como se este gênero de lembrança houvesse marcado sua impressão mais profundamente em nossa memória porque dizia respeito exclusivamente a nós. Neste caso, por um lado os testemunhos dos outros serão incapazes de reconstituir a lembrança que apagamos, e por outro, aparentemente sem o apoio dos outros nos lembraremos de impressões que não comunicamos a ninguém (Halbwachs, 2006, p. 39).

A memória individual dos sujeitos pode ser reconstruída pelo coletivo, por isso que as rezas, cânticos, rituais e a imaterialidade contidas nas Novenas de Terno dependem do coletivo para continuar a existir. A formação intergeracional se faz imprescindível para que tais saberes se conservem vivos e não sejam descontinuados.

A partilha de memória e saberes são feitos nas conversas, nas observações e participação da dança, nos cadernos manuscritos das rezadeiras e na gestualidade característica da Novena. Esses diversos momentos, que representam a vivência da ritualística, são grandes artifícios para a continuidade da memória e história das comunidades, das rezadeiras, tocadores de terno e dos praticantes das Novenas de Terno.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As Novenas de Terno acontecem em três terreiros (casas da comunidade). Normalmente, uma procissão sai do terreiro da pessoa que fez a promessa em direção a um segundo terreiro, onde a imagem sagrada repousará em um andor. A partir desse ponto, a procissão é organizada com os tocadores de terno, alternando entre tocar, cantar e rezar ao longo do percurso, juntamente com os demais participantes. Durante toda a procissão, cada pessoa recebe uma lamparina para iluminar o caminho.

É relevante destacar que, dentre os três terreiros envolvidos na Novena de Terno, apenas um deles realiza a novena "oficialmente", servindo como espaço para reunir os objetos sagrados presentes nos outros dois terreiros (o "santo" e a "bandeira"), assim como o público, para a "festa do santo" - isso demonstra uma concepção comunitária que envolve a ideia de "terno", conceitualmente em sua própria forma de elaboração coletiva, garantindo pelo menos a presença dos moradores dos três terreiros (Ramo, 2019, p.72).

A tríade dos terreiros estabelece uma comunicação entre as crenças dos moradores das três casas e os demais participantes em relação ao sagrado da bandeira. Ao chegar à casa onde ocorrerá a novena, o santo é retirado do andor e colocado em uma mesa, que passa a ser chamada de altar. Em seguida, há uma nova procissão para buscar a bandeira na casa. Geralmente, as meninas carregam as bandeiras em cortejo, com a participação dos tocadores, rezadeiras e outros participantes, até a casa onde a Novena de Terno será realizada.

As mulheres são promotoras de todo o processo, desde a preparação até a execução. Exercendo a função de rezadeiras, liderança na comunidade, responsável por guardar os livros e caderno escritos a mão de cânticos específicos das novenas. Elas ordenam o início e o término do festejo. Os tocadores seguem seu compasso, pois estabelecem quais são os momentos que o Terno deve entrar em ação em uma Novena. Para compreender o protagonismo feminino é também necessário entender a ritualística e a trajetória da Novena de Terno.

Dona Aparecida, conhecida na comunidade como Branca, narra sobre a importância das anciãs na formação de novas rezadeiras. Ela mesma passou por essa formação e, por isso, é frequentemente procurada para liderar os rituais nas comunidades de Aroeiras e Queimadas.

Eu sempre ficava junto daquelas pessoas que rezavam antigamente, como Dona Carmen Tavares, Iracema de seu Manuel Nunes, que hoje ainda é viva, Dona Carmen já faleceu há muito tempo, e depois Biu Paulino, rezava e eu acompanhava. E depois ela... Biu Paulino foi quem me ensinou, como rezar a novena. Aí tem uns livros. E esses livros bem antigos. É um pouco demorado, a gente leva mais ou menos duas, duas horas e meia por aí para rezar uma novena. (Dona Branca, Queimadas, 20 de jan. de 2024)

Compreender os aspectos históricos, educativos e afetivos que envolvem a fala de Dona Branca é reconhecer que a resistência das manifestações culturais é semeada pela experiência daqueles que, mesmo sem possuírem conhecimento acadêmico, possibilitam a perpetuação dos saberes de seus lugares de existência aos mais jovens. Isso consagra a continuidade de memórias e histórias, fortalecendo os laços entre gerações e enriquecendo a identidade cultural das comunidades.

Ao endossar sua aprendizagem com as experiências das rezadeiras, Dona Branca recebeu a preparação necessária para continuar a tradição por intermédio da educação não formal que de acordo com Gohn (2010, p. 17), "não tem a figura do educador social, mas o grande educador é o 'outro', aquele com quem interagimos ou nos integramos". As rezadeiras são os agentes educadores que utilizam os espaços dos terreiros de suas comunidades para cultivar e fortalecer seus pertencimentos culturais.

O canto é uma parte integrante da novena, acompanhando toda a ritualística e marcando seu início e fim. As rezas, preces e ladainhas são todas cantadas. Dona Branca destaca o valor do canto ao dizer: “*tudo é cantado nessas Novenas de Terno. Não é rezado, falado, é cantado*”. A musicalidade compõe os elementos performáticos e sagrados das novenas, onde a sinfonia da ancestralidade é revezada entre vozes e o som do pífano, enriquecendo a experiência espiritual e cultural.

**Figura I:** Novena de Terno dedicada a São Sebastião, realizada na comunidade rural Pereiro, município de Aroeiras - PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 20/01/2024

A fotografia foi realizada no terreiro de Dona Maria José, onde a tradição de realizar a novena é mantida pela família desde os tempos de seus pais. A dança ocorre com a chegada da bandeira à casa e, após o término da reza, o santo é homenageado com a dança em torno do mastro da bandeira, ou "pau da bandeira", como é popularmente conhecido. Homens, mulheres e crianças entrelaçam as mãos, formando uma grande roda na qual circulam e expressam o poder sociocultural da comunidade de maneira participativa.

As danças de roda nos terreiros representam o encontro entre a festa do sagrado e a do povo. O sacro é simbolizado pela bandeira fincada no meio do terreiro com a estampa do santo reverenciado, enquanto a festa do povo mescla-se com os movimentos do corpo que dançam em roda até o raiar do dia, ou melhor, “até arrancar a bandeira”, que acontece quando os primeiros raios do sol apontam no horizonte. Segundo Barreto (2017, p.47), o coco engloba

saberes e fazeres de uma comunidade, cujos elementos musicais, sonoros, poéticos, coreográficos, espaciais e litúrgicos remetem às heranças dos povos que constituem a nossa nação.

O processo de emancipação social ocorre quando, conforme Gonh (2010, p.58), podemos analisar tanto o processo individual, focalizando os indivíduos propriamente ditos, quanto o processo social, como um conjunto de práticas, ideias e relações que envolvem a sociedade. A participação ativa de todos os membros da comunidade—homens, mulheres e crianças—nesta dança, exemplifica como as práticas culturais podem promover o fortalecimento de identidades. A interação durante a dança fortalece os laços comunitários, mostrando que a emancipação é tanto um processo individual quanto coletivo.

Existem na comunidade dois tipos de coco que são executados durante a “festa do povo”: “coco de roda” e o “coco de mergulho” ou “furado”. Ambos não são restritos a esta celebração religiosa, pois, também, são explorados em diversos momentos de lazer na comunidade, como aniversários, uniões afetivas e comemorações em geral (principalmente depois da criação do Grupo Samba de Coco Mestre Zé Zuca). A noção de “festa”, assim, assume um duplo caráter para a comunidade, ao manter unificada sua ritualização propriamente dita da Novena e, ao mesmo tempo, a posição do coco como expressão independente dela (Ramo, 2019, p. 101).

Conforme descrito pelo autor, a festa se manifesta através da performance corporal, unindo dança e fé metamorfoseadas na Novena de Terno. O coco, além de representar o sagrado, atua como um subsídio de afetividade. Sua execução não se restringe a momentos religiosos, mas integra a dimensão da coletividade, de partilha e comemoração, funcionando como um elemento significativo de coesão social na comunidade.

Problematizar as experiências históricas e sociais das comunidades rurais na sala de aula é um desafio significativo para o ensino de história, considerando que o currículo oficial escolar não incorpora de forma plena e digna esses conhecimentos periféricos. Superar os descaminhos curriculares tecnicistas e tradicionalistas é também distanciar-se de exemplos estrangeiros que servem de base para a criação de modelos políticos de educação que pouco dialogam com as realidades. Estes currículos têm uma finalidade homogeneizadora em que a escola exerce a função meramente de transmitir conteúdos, que estão muito em evidência até os dias atuais em vários espaços escolares.

A crítica pós-colonialista é muito importante para pensarmos o currículo escolar, pois vem criticar o etnocentrismo e o racismo presente na escola e na sociedade. Essa crítica apresenta uma oportunidade concreta aos/as educadores/as para começar a interromper os processos de reprodução das

relações de poder étnico-racial num dos locais em que eles se apresentam de forma mais constante e eficaz: no currículo escolar (Paraíso, 2000, p.12-13).

Um currículo que adota uma perspectiva etnocêntrica tende a favorecer e classificar o conhecimento erudito e científico em contraste com o que é considerado popular ou pseudocientífico. Essa abordagem procura suprimir outras formas de conhecimento que não se originam do chamado “norte global”. Para compreender o impacto do currículo nas escolas, é fundamental realizar uma análise histórica de sua influência, especialmente no que diz respeito ao tratamento das relações étnico-raciais ao longo da trajetória educacional

A ausência da pluridiversidades de saberes é reivindicada constantemente pela sociedade organizada e o Movimento Negro que significativamente contribuiu para as mudanças na legislação de ensino a exemplo a lei 10.639/2003 que versa sobre a inclusão obrigatória no currículo “oficial” da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

Mesmo com a legislação, e com todo movimento de luta por uma educação antirracista, percebo que ainda se tem muito a reivindicado com relação aos conhecimentos que não é reconhecido por um currículo colonial vigente de mais ou menos intensa, mas ainda muito excludente continua a corroborar com o que Paraíso (2000, p.17) apresenta no currículo investigado, a questão étnico-racial se constitui num campo de silêncio do currículo em ação.

Por isso proponho uma transgressão ao silenciamento que ecoa na ação pedagógica que não vislumbra os outros conhecimentos que não os oficiais, onde as referências científicas, culturais e históricas do seu povo são reduzidas a notas de rodapé. Na sala de aula as ações práticas são marginalizadas, colocadas num plano secundário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalizo com a compreensão que o ensino de história, partindo do estudo sobre as Novenas de Terno e incluindo as histórias de vida dos sujeitos e suas memórias, promove uma abordagem crítica e descolonizada da História. Essa abordagem é construída a partir dos saberes de indivíduos negligenciados no currículo escolar formal.

Com a influência da História Oral ciclos de maior ou menor intensidade, as influências afro-brasileiras foram perseguidas na ritualística das “Novenas de Terno”. Por esta razão a escrita desta pesquisa traz uma responsabilidade, pois dará visibilidade à História através das memórias das mulheres líderes das comunidades e sua atuação junto à formação identitária dos seus.

Esta é uma escrita possível para os invisibilizados na narrativa oficial da historiografia

feita com o propósito de registro. Neste ponto a fonte oral “[...] e ao materializarmos em documento escrito, porém, a história oral ganha objetividade de qualquer documento gráfico ou de análise historiográfica” (Meihy, 1996, p. 24). A história oral de vida se enquadra em seu papel de “reconstrução” dos valores e memórias sociais de tais sujeitos históricos.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. 5 reimpressão. São Paulo: Pólen. Feminismos Plurais, 2019.
- BARRETO, J. L. M. O coco de roda novo quilombo: da roda ao centro, imagens e símbolos de uma tradição. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. UFPB/UFPE, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9773/3/Arquivo%20Total.pdf>. Acesso em 05 de jun. de 2024.
- CANDAU, V. M. F; FERNANDES, Y. S. Direitos Humanos, diferenças e educação: desafios para o cotidiano escolar. **Revista Momento-Diálogos em Educação**. Revista do Programa de Pós-graduação em Educação.v.31, n.1, p.40-56, jan./abr., 2022.
- CANDAU, V. M. **Interculturalidade e educação escolar**. In: CANDAU, V. M. (org.). Reinventar a escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- FLEURI, R. M. Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. **Série-Estudos-** Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. N.37, p.89-106, Jan./jun., 2014.
- FULY, T. **Que História você quer contar?** Caminho para uma educação decolonial. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.
- FREITAS, S. M. **História Oral: a busca de uma definição**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.a
- MEIHY, J. C. S. B. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PARAÍSO, M. A. Currículo, etnia e poder: o silêncio que discrimina. Goiais, **Revista Temporís (Ação)**. V. 1, n.3, p.09-30, jan./dez., 2000.
- PESAVENTO, S. J. **Cultura e Representações, uma trajetória**. Porto Alegre, Anos 90. V.13, n. 23/24, jan./dez., 2006.
- POMPA, C. Leituras do fanatismo religioso no sertão brasileiro. **Novos Estudos Cebrap**, v. 69, p.71-88, 2004.
- RAMO, W. L. B. **Performance, devoção e festa: aspectos da oralidade e da memória cultural na Novena de Terno em Queimadas–PB**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. UEPB, 2019. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/3456/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20WILLAMS%20LUCIAN%20BELO%20RAMO.pdf> Acesso em: 09 mai. 2023.

SANTOS, B. de S. **Decolonizar: abrindo a história do presente.** São Paulo: Boitempo, 2022.

SOUZA, R. L. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular.** Natal: IFRN, 2013.